

## NOTAS E REFLEXÕES

### **REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DE XI JINPING DURANTE A GUERRA DA UCRÂNIA: A LEGITIMIDADE DE UM LÍDER EM RESSURGIMENTO NA BUSCA DA PAZ E AS CONSEQUÊNCIAS NA ORDEM INTERNACIONAL**

**DANIEL DA COSTA LARA LEITÃO**

[d.lara.leitao@outlook.com](mailto:d.lara.leitao@outlook.com)

Mestrando em Relações Internacionais, na Especialidade de Estudos de Segurança, da Paz e da Guerra, Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal). Licenciado em Estudos de Segurança pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. As principais áreas de interesse são a cooperação em *Intelligence*, conflitualidade geopolítica na Ásia-Pacífico, segurança em Angola e Cibersegurança.

Após a investida militar da Rússia na Ucrânia, e com a densificação do conflito, surgiu uma incógnita no seio da comunidade internacional sobre quem será o mediador efetivo para alcançar um acordo de paz entre as duas partes beligerantes diretas da guerra.

As várias tentativas e iniciativas com objetivo de encontrar uma solução preliminar para a redução da escala do conflito falharam. Desde os encontros entre Kuleba e Lavrov, passando pela iniciativa de Erdogan e o contributo da Turquia no acordo dos cereais, à intenção de Lula da Silva em mediar o conflito, poucos efeitos foram produzidos na persecução da paz.

Se existe, na generalidade, a ideia de que só os Estados Unidos da América detêm a capacidade de colocar um fim à guerra, a China surge agora como ator que visa contrapor essa conceção de uma América pacifista. Recentemente, a China apresentou um plano de paz com 12 pontos. O ponto mais relevante no plano da pacificação, solicita o fim das hostilidades.

Se por um lado, Washington envia uma mensagem clara sobre o que interpreta desse plano, a China envia duas mensagens no plano interno e no plano internacional. No plano interno, visa reforçar ainda mais a liderança de Xi Jinping enquanto líder revolucionador e modernizador. No plano internacional, a China pretende claramente mostrar ser capaz



de promover a paz e a estabilidade global, substituindo países que são responsáveis por fazê-lo internacionalmente.

Apesar de ser um plano vago, Pequim deixa implícito que toda a negociação tem uma base, e que esta poderia ser útil para se chegar a um consenso. Contudo, esse plano foi prontamente rejeitado a partir da Casa Branca. *"There are 12 points in the Chinese plan. If they were serious about the first one, sovereignty, then this war could end tomorrow"* (Blinken, 2023). Surge, a partir de Washington, a ideia não só de que Pequim não tem a legitimidade para procurar a paz entre duas partes beligerantes, mas também que a intenção de Xi Jinping é uma atuação conjunta com Vladimir Putin para alterar os parâmetros da atual ordem mundial.

Apesar de a presente reflexão deixar implícito que os EUA não pretendem abdicar da dianteira num caminho para a paz, é também justo referir que, na nossa visão mais realista, *"China sees the war in Ukraine as a big problem"* (Campbell, 2023). Se podemos considerar como facto todas as iniciativas de Pequim, em alcançar a paz, é também pertinente dizer que tal intenção ameaça a liderança de uma ordem liberal, encabeçada pelos Estados Unidos da América. Esta ideia surge, sobretudo, no seguimento do restabelecimento das relações diplomáticas entre o Irão e a Arábia Saudita, e das possíveis consequências que dessa reaproximação possam advir no golfo pérsico.

E se é pertinente fazer uma abordagem a este marco diplomático da China, o que salta à vista é uma consequência para países como a Arábia Saudita, Índia e Paquistão: *"The United States doesn't want its partners doing business with Tehran"* (Kugelman, 2022).

Estando praticamente todos os canais de comunicação cortados entre Washington e Moscovo, a quase aversão de Washington a uma aproximação do seu competidor chinês configura-se como praticamente automática. Entre argumentos e contra-argumentos transversais às várias partes envolvidas, desde os Estados Unidos, OTAN, Rússia e China, *"our thinking is necessarily clouded by the suffering that Russian President Vladimir Putin's aggression has inflicted on the people of Ukraine"* (Westad, 2022: 1).

Sendo o posicionamento de Xi Jinping cada vez mais central na guerra da Ucrânia, tal como o seu fulgor no cenário internacional, é também cada vez mais evidente um cenário de competição, dinâmicas e interações não só entre os contendores, mas também entre aqueles que aparentemente querem fazer a paz.

A guerra é, atualmente, marcada pela crescente competição e cada vez menos por apelos à redução na escala do risco. Entre apelos do Secretário Geral das Nações Unidas, e resoluções de um grande número de países, a tensão e alteridade intensifica-se não com o outro mas com os outros. Wang Yi, frisou na Conferência de Segurança em Munique que

*"human society must not repeat the old path of antagonism, division and confrontation, and must not fall into the trap of zero-sum game, war and conflict"* (Yi, 2022).



Mas estarão todas as partes envolvidas interessadas em ganhos mútuos? Se China e Rússia “share similar goals”<sup>1</sup>, os Estados integrantes da ordem liberal rejeitam uma ordem uma global, partilhada com estados autoritários. Não existe compatibilidade, atualmente, no sistema internacional. Rússia e China, na base de uma cooperação estratégica alargada pretendem alcançar um multilateralismo com dinâmicas e valores diferentes do multilateralismo vigente.

No seu artigo intitulado “*Forging Ahead to Open a New Chapter of China-Russia Friendship, Cooperation and Common Development*”, Xi Jinping é afirmativo ao dizer que os dois países trabalharam juntos rumo a um mundo multipolar

*“and a greater democracy in international relations. We have been active in practicing true multilateralism, promoting the common values of humanity, and championing the building of a new type of international circumstances (...)”* (Jinping, 2023).

Com a visita de 20 de março de 2023, Xi Jinping afirma-se, definitivamente, como *player* central numa nova arquitetura do sistema internacional. Um sistema internacional com múltiplas interações e cada vez mais competitivo.

Nessa dinâmica de competição, surgem ainda questões que acrescentam nebulosidade a um panorama cada vez mais difuso. A empreitada de Xi, alavancada pela parceria com Putin, ganha força pela multiplicidade de iniciativas bilaterais e multilaterais. A nível económico e militar, a título de exemplo, a Organização para Cooperação de Xangai congrega a Índia, Paquistão, China, entre outros países. Durante o período de guerra, especialmente, a aproximação de Pequim a Moscovo poderá não só alimentar a perceção, do ponto de vista de algumas lentes teóricas das Relações Internacionais, de que Xi Jinping conduz agora uma política externa ambígua face ao tema da Ucrânia. O seu pendor para o lado russo é visto como um caminho para o enfraquecimento, para a perda de força do avanço chinês na corrida àquilo que é ainda uma incógnita: quem será o líder da ordem internacional? Que regras e que valores? Que alianças predominantes e, sobretudo, que relação entre Estados Unidos da América e China?

Se por um lado, é difícil prever em que moldes se irá compor a ordem internacional, por outro,

*“pundits and policymakers have described the emerging world in a variety of ways: multipolar, polycentric, non-polar, neo-polar, apolar, post-american, G-zero, and no one’s world”* (Acharya, 2014).

A ideia de que o mundo segue numa crescente ordem diversificada, ganha consistência. E em contexto de guerra, a ambiguidade por nós referida torna os caminhos a seguir mais estreitos e perigosos. Por onde irá a China? Por onde irá a História? Não sabemos se Xi Jinping ambiciona realmente um plano de paz, ou se tenciona usar a guerra da Ucrânia para se fortalecer. Mas se existe, desde o dia 24 de fevereiro do ano transato, grande incerteza quanto ao cenário estratégico, as opções que vão sendo tomadas por

<sup>1</sup> Declaração de Xi Jinping no encontro com Vladimir Putin durante a visita a Moscovo <https://edition.cnn.com/europe/live-news/russia-ukraine-war-news-03-20-23/index.html>



Xi Jinping parecem causar mais um dilema existencial. Como irão os Estados Unidos responder a várias frentes, simultaneamente?

Quanto ao apoio, ou não, de Xi a Putin as dúvidas dissiparam-se quase na totalidade, no âmbito da visita a Moscovo após a emissão do mandado de prisão a Vladimir Putin.

*“In terms of Chinese interests, this might not turn out to be quite as successful a strategy as Xi assumes, at least not in the long run”* (Westad, 2022: 4).

Mas é possível que a China ganhe vantagem estratégica em qualquer dos cenários da guerra. Apesar de haver outras leituras, que mui respeitamos.

No entanto, no nosso entendimento, a China poderá ter um aliado cada vez mais forte caso haja um vencedor no plano militar: a Rússia. Em caso de derrota russa, que será o cenário ideal para a estabilidade na Europa, a dependência da Rússia face à China aprofundar-se-á. O grande dilema da China, será uma Rússia enfraquecida. Talvez seja esse o fator que possa descodificar a parceria “sem limites” entre Pequim e Moscovo, e da diplomacia chinesa com caráter ambíguo.

A China encontra-se decidida a alcançar o caminho da prosperidade e da multipolaridade.

*“As the world’s second-largest economic power, China intends to play an important role in shaping the global economic norms”* (Xuetong, 2022: 8).

Passado pouco mais de um ano, as forças motrizes capazes de promover a paz prevalecem num caminho de ineficácia. Embora essa ineficácia se possa atribuir, em boa parte, às convicções de um agressor, tanto a União Europeia como a OTAN têm recentemente apresentado soluções exclusivamente no plano militar.

Enquanto as vias de comunicação com o Kremlin se estreitam, o mediador com mais proximidade de Vladimir Putin parece estar disposto a estabelecer uma parceria quase inabalável. Não se trata de amizade, mas de interesses comuns. A China e a Rússia desejam um sistema internacional diferente, com uma configuração mais alargada e igualitária. Enquanto isso, a guerra torna-se cada vez mais uma incerteza. Resta saber o posicionamento de Xi Jinping face ao conflito propriamente dito, e o que será feito para travar o conflito.

## Referências

Acharya, A. (2014). A Multiplex World. Em *The End of American World Order* (p. 1). Polity Press. Obtido em 21 de Março de 2023, de ISBN-13: 978-0-7456-7247-2

Blinken, A. (2023). *U.S. dismisses China’s Ukraine peace proposal as an attempt to distract*. Obtido em 18 de Março de 2023, de Politico: <https://www.politico.com/news/2023/02/24/united-states-china-ukraine-00084384>

Campbell, C. (2023). *Why China, Russia’s Biggest Backer, Now Says It Wants to Broker Peace in Ukraine*. Obtido em 2023 de Março de 20, de Time: <https://time.com/6257398/china-russia-ukraine-war-peace-talks/>



Jinping, X. (2023). *Forging Ahead to Open a New Chapter of China-Russia Friendship, Cooperation and Common Development*. Obtido em 20 de Março de 2023, de Xinhua: <https://english.news.cn/20230320/208baba76dc14ed78d308bfa32b9d4e2/c.html>

Kugelman, M. (2023). *What the China-Brokered Saudi-Iran Deal Means for South Asia*. Obtido em 20 de Março de 2023, de Foreign Policy: <https://foreignpolicy.com/2023/03/16/china-saudi-iran-deal-south-asia-pakistan-india-oscar-rrr/>

Westad, O. A. (2022). The Next Sino-Russian Split? Beijing Regret Its Support Will Ultimately Come to Regret Its Support of Moscow. Obtido em 20 de Março de 2023, de <https://www.foreignaffairs.com/articles/east-asia/2022-04-05/nextsino-russian>

Xuetong, Y. (2022). China's Ukraine Conundrum. *Why the War Necessitates a Balancing Act*. Obtido em 21 de Março de 2023, de <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2022-05-02/chinas-ukraine-conundrum>

Yi, W. (2023). *Wang Yi Attends the 59th Munich Security Conference and Delivers a Keynote Speech*. Obtido em 20 de Março de 2023, de Embassy of the People's Republic of China in the Republic of the Philippines: [http://ph.china-embassy.gov.cn/eng/chinew/202302/t20230220\\_11027395.htm](http://ph.china-embassy.gov.cn/eng/chinew/202302/t20230220_11027395.htm)

#### Como citar esta Nota

Leitão, Daniel da Costa Lara (2023). Reflexões sobre o papel de Xi Jinping durante a guerra da Ucrânia: A legitimidade de um líder em Ressurgimento na busca da paz e as consequências na ordem internacional. Notas e Reflexões in *Janus.net, e-journal of international relations*. Vol. 14, Nº 1, Maio-Outubro 2023. Consultado [em linha] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.14.1.03>

